

A VISITA DO SR. FOSTER DULLES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A visita do Secretário de Estado norte-americano vem por ao vivo os trágicos e cômicos paradoxos que estamos vivendo hoje no Brasil. Damos toda a razão às medidas que o governo tomou para a proteção da pessoa física do ilustre estudante, mas não deixa de ser estranha, bizarra, e sumamente humilhante para nós a necessidade de tais precauções. Todos os jornais, sobretudo quando falam de estudantes, frisam o fato de formar uma desprezível minoria o número de moços capazes de comprometer nossas tradições de hospitalidade e cortesia; mas logo a seguir encarecem a necessidade de severas medidas para neutralizar os desmandos daquela irrisória minoria. A visita do sr. Dulles ora é apresentada em termos de esperança, ora anunciada em termos de temor. Esperam alguns que ele nos traga dinheiro para a continuação das obras de Brasília; receiam outros que o Secretário de Estado nos venha roubar o petróleo. E ainda há os que pensam, combinando uma coisa com outra que ele nos vem trazer dinheiro para o próprio petróleo. E não há de faltar alguém, bastante otimista, para julgar que possa resultar algum proveito sul-americano do contato entre o sr. Dulles e o sr. Negrão de Lima. Tem-se também a impressão de que existe uma grande torcida para que o sr. Foster Dulles, com sua visita em tão grave momento, prove que a grande nação americana precisa de nós, de nosso apoio, de nossa simpatia. Se assim fôr, poderemos ditar nossas condições e tirar da crise mundial que começa no oriente médio, um proveito nacional. Por outro lado, entretanto, os cordões policiais, as lembranças de Caracas e de Lima, o crepe estendido pelos estudantes na sede da UNE, e a simples leitura dos jornais deveriam bastar para convencer qualquer estadista americano de nossa indiferença em relação à sorte do mundo e de nossas reservas em relação à intervenção americana no Líbano. Que garantia pode oferecer, para a colaboração democrática contra o expansionismo soviético, um país que recebe com tantas precauções, com tanta frieza, o representante da grande nação livre que tem hoje a liderança do mundo ocidental? Não podemos desconhecer os erros, as arrogâncias das chamadas grandes potências do mundo ocidental; mas também não podemos em são juízo admitir que o ressentimento e a simpatia pelo sr. Kruschew ou pelo sr. Nasser sejam respostas adequadas aos erros ditados pelos orgulhos nacionais dos poderosos. Erraram ele; erramos nós. E agora? Como começar uma nova era de cooperação e de concordia? A visita do sr. Dulles pode bem ser vista como um passo de boa vontade, como um ato de humildade que já tardava, mas é triste observar que todo o nosso ressentimento de povo pobre e mal servido por seus próprios dirigentes se concentra na frieza e na desconfiança com que recebemos o estadista.

E tanto mais melancólica se torna a consideração quanto mais nos lembrarmos da efusão com que foram recebidos por nós os representantes dos regimes que convergonham a humanidade. Tivemos aqui o sr. Craveiro Lopes, representante legítimo do vexame português, títere do sr. Salazar, e não houve estudante que tivesse a idéia de assobiar à passagem dos carros oficiais. Eles, os carros, é que assobiavam, silvavam de modo sinistro, valando o povo. Tivemos recentemente os enviados soviéticos à comissão interparlamentar, e não consta que fôsse preciso mobilizar a polícia para proteger as pessoas desses russos. Ao contrário, o que consta é que eles foram muito bem tratados e olhados com simpatia. O sr. Domingos Velasco chegou a evitar a distribuição pelos membros da comissão Interparlamentar dos relatórios da ONU sobre os massacres da Hungria, alegando que tal distribuição seria descortês para com os enviados soviéticos! A impressão que se tem é que desapareceu quase completamente a sensibilidade democrática que há quinze anos colocou a opinião pública brasileira contra a fúria nazista. Os totalitários de hoje são vistos com simpatia, e o país que terá de lutar na vanguarda dos povos em defesa das liberdades é visto com desconfiança.

O fato é que durante três ou quatro semanas, antes da chegada do sr. Dulles, os jornais entraram em contato com representantes das classes estudantis para colher impressões, para ouvir dos senhores estudantes um pronunciamento sobre política internacional. E' bem verdade que mu-

tos deles tiveram o bom senso de dizer que desaconselhavam demonstrações de desagrado; mas não li nenhuma entrevista em que o estudante, com bom senso ainda maior, declarasse que era muito moço para tal pronunciamento, e que seria bem entrevistarem os papás e os professores. Um desses moços, com uma gravidade própria da idade, declarou que era contra qualquer manifestação hostil em atenção à pessoa do sr. Dulles, embora concordasse com a repulsa manifestada contra o que ele representa. Mas o que é que o sr. Dulles representa? Qual é no mundo moderno, exceptuados os discos voadores, o fato cultural e político melhor, mais digno de admiração do que a grande e livre nação americana?

Durante as semanas de expectativa consegui sopitar minha estranheza, consegui calar meu espanto diante do colossal prestígio da chamada classe estudantil, com receio de vir a ser apontado como espiçador de animosidades. Mas agora digo o que penso do fenómeno. Como professor, que vive há mil anos em contato com estudantes, como pai de muitos filhos, tenho a liberdade de dizer o que os outros murmuram. E tenho a liberdade de chamar de tolice, ou de burrice, o crepe que os líderes estudantis penduraram na sede da UNE. E aqui me vem à mente um artigo escrito pelo saudoso Eça de Queiroz há quase um século sobre os estudantes brasileiros, ou sobre a minoria que a si mesma dava a genérica denominação. Naquele tempo, para desgosto do bom português, os estudantes brasileiros tinham o bizarro costume de desatrelar os cavalos da carruagem que trazia o visitante ilustre e de tomar alegremente, nos varais, o lugar das cavalgaduras. Com cautela e carinho, Eça de Queiroz desaconselhava aos moços brasileiros a continuação de tão esquisita prática. Não ficava bem à mocidade esperançosa de uma jovem nacionalidade o papel de cavalo.

Fosse bela ou afinada a cantora, fosse talentosa a atriz Rejane ou a Sara Bernard, era melhor delixar aos cavalos o cuidado de levá-las ao hotel ou ao teatro. Ora, passam os tempos, mudam os costumes, transforma-se a civilização, mas uma coisa parece que permaneceu a pesar como singular atavismo nos costumes estudantis.

O que os líderes estudantis da UNE fizeram com seu pano preto e seus cartazes desaforados contra o ilustre Secretário de Estado americano foi qualquer coisa parecida com o coice, e portanto foi ainda algo de cavalari. Não se zanguem comigo os outros estudantes. Zanguem-se com os maus companheiros que comprometem a dignidade estudantil, porque eu só quero o bem da classe e só desejo livrá-la do vexame produzido por alguns poucos. E se vocês se zangarem comigo em grande numero, em tão mais triste ainda ficarei, não por mim mas por vocês mesmos.

Qual será o resultado dessa visita do sr. Dulles e das tais conversações que terminarão em Brasília? Conseguirão os construtores de Brasília arrancar um empréstimo parecido com os dois bilhões que o sr. Frondizi conseguiu para incrementar a industria petrolífera? Conseguirá o sr. Dulles convencer o sr. Kubitschek e o sr. Negrão de Lima que a sorte da humanidade exige um melhor entendimento entre os países americanos? Terão todos, americanos e brasileiros, um momento de lucidez, um instante de inspiração para colocar o grande problema humano acima das competições nacionais? Não sei. Pessoalmente, não acredito muito em conversações desse tipo, sobretudo quando uma parte do tempo tão precioso é perdido em Brasília. Acredito entretanto que os nossos atuais dirigentes, ministros e presidentes, possam colher um proveito do breve convívio com o corajoso anfitrião que em dias tão sombrios vem visitar o Brasil. Espero que ao menos esse proveito eles guardem.